

# REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

## CANTIGAS POPULARES DO DOURO

(Continuação)

Venho da Serra da Estrella  
De fazer queijos na neve;  
Eu nasci para má sorte,  
Nossa Senhora me leve.

27

Tenho de meu tres estradas,  
Não sei qual hei-de seguir;  
Eu nasci para a desgraça,  
Que me vale a mim fugir.

28

O limão é fructa azeda  
Que se dá no val escuro;  
Pelos modos que eu vou vendo  
Nenhum amor é seguro.

29

Eu já fui ao tou pomar,  
E mais não sou pomareiro;  
Já provei da tua fructa,  
E mais não fui o primeiro.

30

Com a penna do pavão  
E sangue da cotovia  
Hei-de escrever o meu nome  
No coração de Maria.

31

Se queres que eu te vá ver  
Alem Douro, Margarida,  
Manda fazer um barquinho  
Da rosa mais florida.

32

A casca da noz é verde,  
E' verde o tambem amarga;  
E' como o amor dos homens  
Que promette e logo larga.

33

Quem me dera um limão  
Do limoeiro azedo  
Para tirar o fastio  
A quem o ganhou tão cedo.

34

O meu coração é teu  
Eo teu de quem será?  
Quando o meu chora por ti,  
O teu por quem chorará?

35

Mcnina, se ha-de ser minha,

Dê-me agora o desengano,  
Que eu não sou passaro novo  
Que anda de ramo em ramo.

37

Tendes o olhar de rôla,  
Passear de galinhola;  
Quom me fôra caçador  
N'esta terra uma só hora.

38

Sendes alta como a cana,  
Delgadinha como a linha,  
Tendes o olhar da rola  
O mcnear da pombinha.

39

Mangericão da janella  
Já meu peito foi teu vazo;  
Já morreu quem te regava,  
Já de ti ninguem faz caso.

40

Deste-me alecrim por prenda  
Por ter a folha miuda;  
Qniseste-me experimentar,  
O meu coração não se muda.

41

Do meu coração fiz sala  
Para meu amor passear;  
Depois que se viu servido  
Não lhe tornei a lembrar.

42

Já tenho amores novos,  
Já com elles vou fallando;  
Quando passo pelos velhos,  
Dà-me o riso, e vou andando.

43

Mangericão miudinho  
Eu não te amiudei;  
Só te peço que não contes  
O que contigo passei.

44

A açucena co'o pé n'agua  
Pode estar quarenta dias;  
Eu sem ti nem uma hora.  
Quanto mais noites e dias.

45

A açucena co'o pé n'agua  
Vae abrindo e vae cheirando;  
Assim é o meu amor  
Quando por mim vae passando.

46

Se soubesse que tu davas

Um só passo p'ra me ver,  
Eu te dissera decerto  
Outros amores não ter.

47

O' meu amor, quem te disse  
Que eu dormindo suspirava?  
Quem t'o disse não mentia,  
Que eu por tí suspiros dava.

48

Quando passares por mim.  
Faz-te cego, faz-te mudo;  
Disfarça quanto poderes,  
Que eu por mim disfarço tudo.

49

Passai pela tua porta,  
Puz a mão na fechadura;  
Não m'a quizesstes abrir,  
Coração de pedra dural

50

Dizem que não sei cantar,  
Que tenho a falla mui grossa;  
Com ella me remedei,  
Não vos vou pedir a vossa.

51

Ai de mim, que eu já não posso  
Com tantas penas amar-te;  
São tantos a pretender-me,  
Que eu resolvo-me a deixar-te.

52

Ai de mim, que eu já não posso  
Cantar uma cantiguinha;  
Fui beber agua d'amores,  
Ficou-me a falla brandinha.

53

A oliveira com pé d'oiro,  
Deita raminhos de prata;  
Tomar amores não custa,  
Deixal-os é o que mata.

54

Deixaste-me a mim por outra,  
Paciencial são vontades:  
Ainda te has-de arrepende  
Das tuas variedades.

55

Deixaste-me a mim por outra,  
Para amares a quem mais tem;  
E eu por dinheiro não deixo  
D'amar a quem me quer bom

56

Os meus olhos só são olhos  
Quando os teus estão defronte  
Parecem dois rios d'agua  
Quando vão de monte a monte.

57

O cravo tem vinte folhas,  
A rosa tem vinte e uma;  
Anda o cravo em demanda  
Por a rosa ter mais uma.

58

Diabos levem os homens

Enfiados n'um cordel,  
Seja o primeiro Antonio  
E o segundo Manoel.

59

Eu gosto bem dos Antonios  
E tambem dos Manoeis;  
Trago-os aqui nos meus dedos  
Como delicados anneis.

60

Tanto ai, tanto suspiro,  
Que se dá pela calada;  
Mou coração sento tudo,  
Minha boca não diz nada.

61

Monina, não se admire  
D'algunha cantiga errada;  
A's vezes bom caçador  
Atira, e não mata nada.

62

O amor d'um rapaz novo  
Não dura senão um dia,  
E' como lenço engomado  
Passado por agua fria

63

Santissimo Sacramento  
Vinde abaixo á igreja,  
Que vos quero adorar  
Onde todo o mundo veja.

64

Marinheiro, guinda a véla,  
Que já corre a viração;  
Vamos ver nossos amores  
Lá para o caes do Pinhão.

65

O meu amor acenou-me  
Co'um lenço de meia vara,  
Primeiro lhe acenei eu  
Co'os olhos da minha cara.

66

O' rosa d'Alexandria  
Onde deixaste o teu cheiro?  
Deixei-o na tua cama  
Nas rendas do travesseiro.

67

Amar por força, é crime;  
Por dinheiro, é baixoza;  
Por vontade, é liberdade;  
Por amizade, é nobreza.

68

Se o amor fôra crime,  
Criminosa estava eu;  
Criminosa por te amar  
Ninguem estava mais do qu'eu.

69

Crimes não entram no ceo  
E eu espero la entrar,  
Eu serei mui criminosa,  
Só se fôr por te amar.

70

Fui confessar minhas culpas

Nos diversos mandamentos  
Por via de ti, menina,  
Pequei eu por pensamentos.

71

Tanto ai, tanto suspiro,  
Como n'esta rua vaç!  
Tanta mulher sem marido,  
Tanto filhinho sem pac.

72

Tanta mulher sem marido,  
Tanto menino sem pac.  
Bem cedo tomei amores,  
Na primeira quem quer cac.

73

Eu d'onde estou bem vejo  
Meu amor ali alem;  
Se eu quizer vou lhe fallar,  
Não se me dá de ninguem.

74

Os meus olhos não são pretos,  
São da cor da verde cana;  
Ainda que pequeninos  
São leaos a quem os amã.

75

Coração, que dois adoras,  
Já em ti não tenho fé;  
Se o teu amor é partido,  
O meu não; inteiro è.

76

O meu leal coração  
Ao teu cruel obedece;  
O meu, leal, não te lembra;  
O teu, cruel, não me esquece.

77

Rio Têdo, Rio Têdo  
Rio do tanto penedo;  
Se não fora o Rio Têdo  
Não tomava amores tão cedo.

78

So eu te quizera dar penas,  
Tinha o mundo que fallar;  
Ia-te ver ao ribeiro  
Onde costumava lavar.

79

Não chameis amor perfeito  
A' horva que a terra cria;  
Amor perfeito só Deus,  
Filho da Virgem Maria.

80

Loureiro, verde loureiro  
A tua baga está sêcca;  
Ainda te não prometti,  
Pede a Deus que eu te prometta.

81

O êlo da videira é abraço,  
Amor, ou já te abraçei;  
O maior gosto que tenho,  
Liberdade, não t'a dei.

82

Semceci na minha horta

O alecrim às mãos cheias;  
Tanto custaram a Deus;  
As bonitas como as feias.

83

Dizem que não ha flores  
Lá no Rio de Janeiro;  
Vi um cravo bem bonito  
Ao peito d'um brasileiro.

84

Pêga lá este raminho  
D'alecrim; põe-no ao peito:  
Emquanto o mundo for mundo  
Para comigo tens feito.

85

Atiraste-me ao peito  
A' parte mais melindrosa;  
Não permitta Deus que eu morra,  
Sem te lograr, minha rosa.

86

Eu heide subir ao alto,  
Que do alto vejo bem;  
Para ver o meu amor  
So me falla com alguem.

87

Não ha navalha que corte  
A raiz ao meu desejo;  
Não ha cravo que mereça  
Uma rosa que aqui vejo.

88

Das mil lagrimas que choro  
Tê as podras dão signaes;  
Hei-de levar em meu brio  
Amar-te cada vez mais.

89

Dizei-me que significa,  
O que que quer significar,  
A salsa pelas paredes  
Sem ninguem a semear.

90

Semceci pelas paredes  
Salsa verde pencirada,  
Para ver se me nascia  
O amor que desejava.

91

Inda agora aqui cheguci,  
Só agora pude vir;  
Mas inda venho a tempo  
Das tuas fallas ouvir.

92

Ninguem descubra o seu peito  
Por maior que seja a dôr;  
Quem o seu peito descobre  
De si mesmo é traidor.

93

Solteirinha côr do cravo,  
Sae-te d'ao pé da casada;  
Inda não estás recebida  
E já tens a côr mudada.

94

Olha como está côrada

A maçã na macieira;  
Olha a differença que faz  
A casada da solteira.

95

A maçã na macieira  
Não se quer enxovalhada;  
E' como a moça solteira  
Que deseja ser casada.

96

Mandaste-me vir, e eu vim,  
Toda a noite estive á vela;  
Cuidas que não é peccado  
Eganar uma donzella?

97

A oliveira é bendita  
Porque dá o azeite bento.  
Que allumia toda a noite  
Ao Santissimo Sacramento.

98

Suspiros, ais e dores,  
Imaginações e cuidados,  
São o pasto dos amores,  
Quando andam separador.

99

Não ha cousa que mais cheiro  
Que a lorangeira em flor;  
Não ha cousa que mais custo  
Que separação no amor.

100

A oliveira bom se queixa,  
Se se queixa, tem rasão;  
Apanham-lh'as azeitonas  
Deitam-lhe a rama no chão.

101

Eu hei-de ir ao altar mór  
Accender vélas ao throno,  
E' bem tolo quem se mata  
Por amores que já tem dono.

102

Esta noite sonhei eu,  
(O que já sonhado tinha)  
Que estava na tua cama,  
Acordei, 'stava na minha.

103

O serpol é miudinho  
De miudo cobre o chão;  
O sangue nasce das veias,  
O amor, do coração.

104

O serpol é miudinho,  
Eu não o amiudei;  
Todos os sitios me agradam  
Onde contigo fallei.

105

Aqui venho, que me pagues  
Todo o meu tempo perdido,  
Já te não fallo nas sollas  
Que por ti tenho rompido.

106

Anda cá para o meu peito,

O' meu ingrato amor;  
Anda cá, que vens suado,  
Anda, foge do calor.

107

Deitei-me ao pé do rio  
Para ver o que sonhava;  
Sonhei que ia o rio grande  
E que a cheia me levava.

108

Tendes os olhos fagueiros,  
E os meus fagueiros são;  
Só tendes de mais que eu  
O andar de presumpção.

109

Costureira, mão de neve  
Dae o ponto miudinho  
Qu'inda espero romper  
D'essas mãos um collarinho.

110

Cantigas são meninices,  
Palavras, leva-as o vento;  
Quem se fiar em cantigas  
E' falho d'entendimento.

111

Tenho á minha janella  
O que tu não tens á tua,  
Um vaso de violetas  
Que embalsama toda a rua.

112

Deitei-me e adornei  
Debaixo da lorangeira;  
Caiu-me a flor no rosto,  
Ai Jesus, que tambem cheiral

113

Eu subi áquella serra  
Ouvi cantar a perdiz;  
Ser leal a quem me é falsa  
Só eu n'esta vida o fiz,

114

Só eu n'esta vida o fiz.  
Não ha fado mais tiranno;  
Conhecer o proprio oiro,  
E viver no proprio engano.

115

Vae-te embora, amor ingrato,  
Que eu de ti nada pretendo;  
Tu de mim dirás o mesmo,  
E' mundo; vamos vivendo.

117

Vae-te embora, amor ingrato,  
Vae viver p'ra solidão;  
Deixa ficar descaçado  
O meu pobre coração.

117

Se me vires ser ingrata,  
Não tenhas penas, meu bem,  
Que um ingrato me ensinou  
A ser ingrata tambem.

(Continua)